

EOIN COLFER

E TEM OUTRA COISA...

Volume Seis da Trilogia de Cinco

Tradução de
Alves Calado



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO



ARQUEIRO

Para Jackie, Finn e Seán,
que sentem minha falta,
mas não tanta quanto eu sinto deles.

A tempestade agora havia realmente enfraquecido e, se ainda havia sobrado algum trovão, estaria agora roncando sobre colinas mais distantes, como um homem que diz “E tem outra coisa...” vinte minutos depois de admitir que perdeu uma discussão.

– DOUGLAS ADAMS

*Viajamos pelo espaço-tempo, meus amigos,
pra botar pra quebrar outra vez!*

– TENACIOUS D

prólogo

Se você tem uma cópia do *Guia do Mochileiro das Galáxias* provavelmente a última coisa que digitaria no v-clado do livro seria o próprio título da obra, já que, como você tem um exemplar, pode-se presumir que sabe tudo sobre o mais extraordinário livro jamais publicado pelas grandes editoras da Ursa Menor. No entanto, *presumir* tem ficado em segundo lugar em cada uma das pesquisas sobre *Causas de Conflitos Intergalácticos* dos últimos milênios. O primeiro lugar invariavelmente fica com “aqueles filhos da mãe que invadem nosso planeta com armas enormes” e o terceiro costuma empatar entre “cobiçar a ‘pessoa especial’ de outro ser consciente” e “má interpretação de simples expressões corporais” – o gesto que significa “Uau! Esse macarrão está fantástico!” de um povo pode ser o “Sua mãe deita e rola com marinheiros” de outro.

Digamos, por exemplo, que você esteja parado há oito horas em Porto Brasta, e sem crédito suficiente para uma Dinamite Pangaláctica. Depois de perceber que não sabe quase nada sobre esse supostamente maravilhoso livro que tem em mãos, você decida, por puro tédio, digitar “o guia do mochileiro das galáxias” no campo de busca do *Guia do Mochileiro das Galáxias*. Que resultados essa frívola digitação produzirá?

Primeiro, um ícone animado aparecerá num clarão de pixels e informará que há três resultados, o que é um pouco con-

fuso, já que abaixo há uma lista de cinco itens, numerados na ordem usual.

Nota do Guia: Isto, é claro, se sua compreensão de ordem numérica usual vai do menor para o maior e não do derivativo para o inspirado, como fazem as Lesmas de Folfanga, que julgam o valor de um número baseando-se na integridade artística de sua forma. As notas fiscais de Folfanga são lindas obras de arte, mas sua economia colapsa uma vez por semana.

Cada um desses cinco resultados é um longo artigo, contendo muitas horas de vídeo e áudio e também algumas reconstituições dramáticas com atores muito conhecidos.

Esta não é a história desses artigos.

Mas, se você for direto para o quinto resultado, ignorando os anúncios de hipotecar seus rins ou aumentar o tamanho de sua jebalança, chegará a uma linha em fonte minúscula que diz: “Se você gostou deste artigo, talvez também se interesse em ler...” Faça o cursor tocar nesse link e você encontrará um apêndice contendo apenas texto, sem nenhum áudio e nem mesmo um trechinho de vídeo filmado por um estudante de cinema que produziu tudo em seu quarto, pagando os colegas do curso de teatro com sanduíches.

Esta é a história desse apêndice.

introdução

Até onde sabemos... Um dia, diante de um balde de caranguejos-joias, o Governo Imperial Galáctico decidiu que era necessário construir uma via expressa hiperespecial na região mais brega da Borda Ocidental da Galáxia. Essa decisão passou por cima de vários canais oficiais, com a desculpa de que serviria para impedir engarrafamentos num futuro distante. Na verdade, a finalidade era dar emprego a alguns primos de ministros que viviam de vagabundagem na Praça do Governo. Infelizmente, a Terra estava no caminho dessa via expressa, de modo que os insensíveis vogons foram despachados numa frota de naves de construção para remover o planeta ofensivo com o gentil uso de armas termonucleares.

Dois sobreviventes conseguiram pegar carona na nave vogon: Arthur Dent, um jovem inglês, funcionário de uma estação de rádio local, cujos planos para aquela manhã não incluíam ver seu planeta natal sendo transformado em pó debaixo de suas pantufas. Se a raça humana tivesse feito um plebiscito, Arthur Dent muito provavelmente seria eleito *a pessoa menos adequada para carregar as esperanças da humanidade ao espaço*. Na verdade, no livro de formatura de Arthur estava escrito que ele “provavelmente vai terminar seus dias num buraco nas montanhas escocesas, tendo apenas sua chatice como companhia”. Por sorte, o amigo betelgeusiano de Arthur, Ford Prefect, um pesquisador de campo do ilustre almanaque de viagens interestelares *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, era mais oti-

mista. Ford via oportunidades de ouro onde Arthur só enxergava nuvens de tempestade, de modo que, unidos, os dois formavam um só viajante espacial prudente – a não ser que suas andanças os levassem ao planeta Junipella onde, literalmente, chovia ouro. Sem dúvida alguma, Arthur teria levado a nave diretamente para a nuvem soturna mais próxima e Ford com certeza tentaria roubar o ouro, o que resultaria na combustão catastrófica do gás natural que havia dentro dela. Isso tudo resultaria numa linda explosão, mas como final heroico careceria de um certo quê, como, por exemplo, um herói vivo.

O único outro terráqueo a sobreviver foi Tricia McMillan, ou Trillian, como preferiu ser chamada depois de embarcar para o espaço. Ela era um misto de astrofísica ambiciosa e repórter de primeira viagem que sempre acreditara haver mais coisas na vida do que a vida na Terra. Apesar disso, Trillian ficou pasma quando foi levada para as estrelas por Zaphod Beeblebrox, o rebelde presidente de duas cabeças da Galáxia.

O que se pode dizer de Beeblebrox que ele já não tenha mandado estampar em camisetas oferecidas como brindes a cada compra feita pelo uBid? ZAPHOD DIZ SIM A ZAPHOD foi provavelmente seu slogan mais famoso, mas nem mesmo sua equipe de psiquiatras entendia o que isso queria dizer de verdade. O segundo na preferência geral era: BEEBLEBROX. FIQUE FELIZ POR ELE ESTAR LÁ FORA.

É uma regra aceita universalmente que, se alguém se dá o trabalho de estampar qualquer coisa numa camiseta, ela quase definitivamente não é cem por cento inverídica, o que é o mesmo que falar que tem uma razoável probabilidade de ser um pouco menos do que totalmente não por completo falsa. Assim, quando Zaphod Beeblebrox chegava a um planeta, as pessoas sempre diziam “sim” para ele, e quando ia embora, todos ficavam felizes por ele estar lá fora.

Por uma grande improbabilidade, esses heróis nada tradi-

cionais foram atraídos uns para os outros e embarcaram numa série de aventuras, que em grande parte implicavam em vagabundear pelo espaço-tempo, sentando-se em poltronas quânticas, batendo papo com computadores gasosos e geralmente falhando em encontrar algum sentido ou realização em qualquer canto do Universo.

Depois, Arthur Dent acabou retornando ao buraco no Universo onde a Terra costumava ficar, e se surpreendeu ao descobrir que esse buraco fora preenchido por um planeta do tamanho da Terra e que se parecia e agia notavelmente como a Terra. De fato, esse planeta era a Terra, só que não a de Arthur. Pelo menos não *desse* Arthur especificamente. Como o planeta ocupava o centro de uma Zona Plural, o Arthur que nós conhecemos se viu empurrado pelo eixo dimensional até uma Terra que nunca fora destruída pelos vogons. Isso foi fantástico para o *nosso* Arthur, e seu humor geralmente pessimista melhorou muito quando conheceu Fenchurch, sua alma gêmea. Por sorte, esse período idílico não foi interrompido por um encontro com qualquer outro Arthur de algum *universo alternativo* que pudesse estar perambulando por aí, possivelmente trabalhando para a BBC em Los Angeles.

Arthur e seu verdadeiro amor viajaram juntos pelas estrelas até Fenchurch desaparecer no meio de um salto hiperespacial. Arthur revirou o Universo atrás dela, trocando seus fluidos corporais por bilhetes de primeira classe. Durante um tempo, ficou enalhado no planeta Lamuella e passou a ganhar a vida como Fazedor de Sanduíches para uma tribo tão primitiva que ainda acreditava que os sanduíches eram um grande barato.

Sua tranquilidade só foi perturbada com a chegada de uma caixa enviada por Ford Prefect, que continha a segunda versão do *Guia do Mochileiro das Galáxias* sob a forma de um pássaro pan-dimensional. Trillian, agora uma jornalista bem-sucedida, também tinha mandado uma encomenda para Arthur, sob a

forma de Random Dent, uma menina concebida com o que ele havia trocado pelo assento 2D em um voo noturno para Alfa do Centauro.

Com certa relutância, Arthur acabou assumindo o papel de pai, mas ficou totalmente aparvalhado com a adolescente truculenta. Random roubou o *Guia* versão II e estabeleceu uma rota para a Terra, acreditando que lá poderia finalmente se sentir em casa. Arthur e Ford foram atrás dela e encontraram Trillian já no planeta.

Só então o objetivo do *Guia* versão II é revelado. Os vogons, irritados com a recusa da Terra em permanecer *ca-buuumizada*, criaram o pássaro para atrair os fugitivos de volta ao planeta, para depois destruí-lo em todas as dimensões existentes, cumprindo assim a ordem original.

Arthur e Ford correram quase na velocidade da luz até o Clube Beta de Londres, fazendo uma pequena parada para comprar *foie gras* e sapatos de camurça azul. Graças a toda aquela coisa de eixo dimensional/Zona Plural, eles encontraram Trillian e Tricia McMillan coexistindo no mesmo espaço-tempo, além dos berros de uma agitada Random.

Confuso? Arthur ficou, mas não por muito tempo. Assim que notou os verdes raios da morte cortando a atmosfera, todas as picuinhas do dia, de repente, perderam sua picuinhece. Afinal de contas, a confusão dificilmente o cortaria em milhões de pedacinhos.

Prostetnic Vagon Jeltz fizera seu trabalho magnificamente. Não somente havia atraído Arthur, Ford e Trillian de volta à Terra, como também conseguiu enganar um capitão grebulon, fazendo-o destruir o planeta em seu lugar, poupando a tripulação vagon de ficar várias horas prestando contas ao Departamento de Munições.

Arthur e seus amigos sentaram-se impotentes no Clube Beta e não puderam fazer nada além de observar o ataque definitivo

contra a Terra, incapazes de participar – a não ser que espasmos involuntários e liquefação de matéria óssea contem como participação. Desta vez, as armas de destruição eram raios da morte, e não torpedos vogons, mas, que diabo, um instrumento para matar planetas é igual ao outro quando você é o alvo.

capítulo 1

Segundo um auxiliar de faxineiro que costuma ficar à toa pelos corredores da Universidade de Maximegalon, o Universo tem 16 bilhões de anos. Essa suposta verdade é constante alvo de zombarias por parte de um grupo de poetas beat de Betelgeuse, que afirmam ter adesivos antirrugas mais velhos do que isso. No mínimo, 17 bilhões de anos, de acordo com seu exemplar dos manuscritos de *Sobre a ejaculação precoce e as origens do Universo*. Um adolescente prodígio da Terra disse certa vez que eram 14 bilhões, baseado num complicado cálculo de computador envolvendo a densidade das rochas lunares e a distância entre duas mulheres excitadas num horizonte de eventos. Uma divindade menor de Asgard murmurou que tinha lido alguma coisa em algum lugar sobre algum evento cósmico de um tamanho bastante razoável ocorrido 18 bilhões de anos antes, mas hoje em dia ninguém presta muita atenção a pronunciamentos de autoridades, pelo menos não desde a crise do *alvorecer dos deuses*, ou o escândalo de Thorgate, como ficou conhecido.

Independentemente de quantos bilhões sejam, o fato é que são bilhões, e o velho na praia parecia ter vivido pelo menos cada um desses milhões de milhões. Sua pele era enrugada e cor de marfim e, visto de lado, ele se parecia com um S maiúsculo trêmulo.

O homem se lembrava de ter tido um gato um dia, se é que era possível confiar nas lembranças como sendo algo além de

meras configurações neurológicas atravessando trilhões de sinapses. As lembranças não podiam ser tocadas, não podiam ser sentidas como as ondas passando pelos seus calcanhares nodosos. Mas, afinal de contas, o que eram os sentimentos físicos senão mensagens elétricas vindas do cérebro? Por que acreditar neles, portanto? Havia algo digno de confiança no Universo, algo que pudesse ser agarrado e abraçado no meio de uma tempestade causada por borboletas, além de um vendaval de ar sólido hawalusiano?

Essas desgraçadas, pensou o homem. Assim que deduziram que esse negócio de bater as asas afetava coisas a um continente de distância, milhares de borboletas tinham se juntado e ficado malignas.

Sem dúvida isso não é real, pensou ele. Tempestades causadas por borboletas?

Porém outros neurônios jorraram em ainda mais sinapses e o alertaram sobre teorias de improbabilidades. Se algo estava fadado a não acontecer nunca, era certo que essa coisa se recusaria a não acontecer o mais rápido possível.

Tempestades causadas por borboletas. Era só uma questão de tempo.

Com esforço, o velho afastou para longe o pensamento sobre esse fenômeno antes que outra catástrofe lhe viesse à mente e começasse o preguiçoso processo de nascer.

Haveria algo digno de confiança? Alguma coisa com a qual se consolar?

O pôr do sol iluminou as pequenas ondas, poliu as nuvens, despiu em prata as folhas das palmeiras e fez brilhar o bule de porcelana na mesa da varanda.

Ah, sim, pensou o velho. Chá. No centro de um Universo perturbado e possivelmente ilusório, sempre teremos o chá.

O velho desenhou dois números na areia com sua bengala feita da perna descartada de um robô e olhou enquanto as ondas os lavavam.

Num momento, havia quarenta e dois, e no outro não havia nada. Talvez os números nunca tivessem estado ali, e talvez isso nem tivesse importância.

Por algum motivo, isso fez o velho rir baixinho enquanto se inclinava para subir a pequena encosta e chegar com dificuldade à varanda. Acomodou-se, os ossos estalando junto com a cadeira de vime totalmente apropriada para o ambiente, e mandou seu androide trazer alguns biscoitos.

O androide trouxe chá Rich.

Excelente escolha.

Segundos depois, o súbito aparecimento de um pássaro de metal causou um momentâneo lapso na concentração necessária para molhar o biscoito no chá, e o velho perdeu metade dele dentro da xícara.

– Ah, pelo amor de Deus – resmungou. – Sabe por quanto tempo treinei essa técnica? Sanduíches e chá com biscoito. O que mais resta a uma pessoa?

O pássaro permaneceu imperturbável.

– Um pássaro imperturbável – sussurrou o velho, gostando do som. Fechou o olho que não funcionava direito desde que havia caído de uma árvore quando garoto, e examinou a criatura.

O pássaro pairou, as penas metálicas tremeluzindo vermelhas aos raios do sol, as asas batendo em turbilhões minúsculos.

– Bateria – disse ele, numa voz que fez o velho se lembrar de um ator que ele vira certa vez representar Otelo no teatro Globe de Londres. Era incrível o que se podia conseguir com uma única palavra.

– Você disse “bateria”? – perguntou, só para confirmar. Poderia ter sido “lataria” ou mesmo “mataria”. Sua audição não era mais como antes, especialmente no que dizia respeito às consoantes iniciais.

– Bateria – repetiu o pássaro e, de repente, a realidade se rachou e se fez em milhões de pedaços, como um espelho que-

brado. A praia sumiu, as ondas congelaram, estalaram e evaporaram. A última coisa a desaparecer foi o chá Rich.

– Droga – murmurou o velho, enquanto as últimas migalhas se dissipavam das pontas dos seus dedos. Recostou-se numa almofada na sala de céu que subitamente o rodeou. Alguém viria logo, ele tinha certeza. Das escuras cavernas de suas memórias antigas, as palavras Ford e Prefect sempre se associavam ao desastre iminente.

Toda vez que o Universo desmoronava, Ford Prefect estava por perto. Ele e aquele livro maldito. Como é que se chamava mesmo? Ah, sim, *O Dia do Mulambeiro é uma Falácia*.

Isso ou alguma coisa muito parecida.

O velho sabia exatamente o que Ford Prefect diria.

Veja pelo lado positivo, cara. Pelo menos você não está deitado na frente de uma escavadeira, não é? Pelo menos não estamos sendo jogados para fora de uma nave vagon. Uma sala de céu não é tão ruim assim. Poderia ser pior, muito pior.

– Vai ser muito pior – disse o velho, com uma certeza sombria. Em sua experiência, as coisas sempre ficavam piores e, nas raras ocasiões em que pareciam melhorar, era apenas um prelúdio dramático para uma piora apocalíptica.

Ah, esta sala de céu *parecia* ser bastante inofensiva, mas que terrores espreitavam por trás de suas paredes ondulantes? Nada que não fosse terrível, disse ele sabia.

Com um dedo, cutucou a superfície mole de uma parede que se assemelhava a pudim de tapioca. Isso quase o fez sorrir, até se lembrar de que odiava tapioca desde que um valentão havia enchido sua cueca com aquilo, na escola Eaton House.

– Smyth Pústula, seu sacana – sussurrou.

A ponta de seu dedo deixou um buraco momentâneo nas nuvens e, através dele, o velho vislumbrou de uma janela dupla e, atrás dela... poderia ele ter visto um raio da morte?

O velho temeu que sim.

Todo esse tempo, pensou. Todo esse tempo e nada aconteceu.

Se sua definição de sonho consiste em morar num dos naturalmente erodidos hotéis de cinco supernovas de Han Wavel, preenchendo seus dias com drinques tão extraordinários que vêm com avisos de que *podem causar danos permanentes* e em encontros com fêmeas exóticas de diversas espécies diferentes, então, Ford Prefect vivia seu sonho.

E a melhor parte: os gastos desse pacote destruidor de caráter e possivelmente redutor do tempo de vida seriam pagos por seu cartão Jant-O-Card, que não tinha limite de crédito graças a uma pequena modificação nos computadores em sua última visita aos escritórios do *Guia*.

Se um jovem Ford Prefect tivesse recebido uma folha em branco e lhe pedissem para escrever um texto curto detalhando seus maiores desejos para o futuro, a única coisa que ele mudaria no parágrafo acima seria o advérbio “possivelmente”. *Talvez*.

Os balneários de Han Wavel eram tão obscenamente luxuosos que dizia-se que um macho brequindaniano seria capaz de vender a mãe por uma noite na infame vibro-suíte do hotel Sandcastle. Isso não é tão chocante quanto parece, visto que pais são moeda corrente aceita em Brequinda, e uma septuagenária bem-conservada com uma boa arcada dentária poderia ser trocada por uma moto-carruagem familiar de médio porte.

Talvez Ford não fosse vender nenhum dos pais para financiar sua estadia no Sandcastle, mas tinha um primo de duas cabeças que frequentemente causava mais encrenca do que valia a pena.

Toda noite, Ford tomava o carnelevador até sua cobertura, resmungava para a porta abrir e depois ficava um tempo olhando nos próprios olhos antes de apagar e dar de cara na pia.

Esta é a última vez, jurava toda noite. *Sem dúvida meu corpo vai se revoltar e implodir*.

Como seria a nota sobre a minha morte no *Guia*?, pensou

Ford. Muito breve, com certeza. Duas palavras. Talvez as mesmas que ele usara para descrever a Terra tantos anos antes.

Praticamente inofensiva.

Terra. Não tinha acontecido algo bastante triste com a Terra, algo sobre o qual deveria estar pensando? Por que havia algumas coisas de que conseguia se lembrar perfeitamente e outras que eram tão claras quanto as manhãs permanentemente cobertas de neblina nas Planícies Turvas de Nefologia?

Normalmente era nesse estágio que a terceira Dinamite expulsava a última partícula de consciência para fora do cérebro de Ford. Daí por diante, ele costumava dar dois risinhos, grasnar como uma galinha e executar um tombo quase perfeito no receptáculo mais próximo do banheiro.

E no entanto, a cada manhã, se tivesse a sorte de conseguir levantar sua cabeça da bacia onde ela estava, Ford se via milagrosamente revitalizado. Sem ressaca, sem bafo de onça, sem nem mesmo um vaso sanguíneo estourado em qualquer um dos olhos para provar os excessos da noite anterior.

– Você é um cara dupal, Ford Perfect – dizia, invariavelmente, para si mesmo. – No duro.

Tem alguma truta acontecendo aqui, insistia seu subconsciente cada vez menos ouvido.

Peixes?

Até mais, e obrigado pelos...

Não tinha algo a ver com golfinhos? Golfinho não era peixe, é verdade, mas eles habitavam o mesmo... habitat.

Pense, idiota! Pense! Você já deveria ter morrido mais de cem vezes. Consumiu bebida suficiente para transformar seu cérebro e o de várias versões alternativas de Ford Prefects em mingau! Como pode ainda estar vivo?

– Vivo e dupal – dizia Ford, quase sempre piscando para si mesmo no espelho, maravilhando-se ao ver como seu cabelo ruivo estava lustroso, como suas maçãs do rosto estavam

pronunciadas. E parecia que um queixo estava crescendo. Um queixo de verdade, quadrado.

– Este lugar está me fazendo bem – disse ao reflexo. – Todos os tratamentos com fotossanguessugas e colono-lemingues radioativos estão melhorando meu organismo. Acho que devo a Ford Prefect ficar mais um pouco.

E assim, ele ficava.

No último dia, Ford adicionou uma massagem subaquática na conta do cartão de crédito. O massagista era uma Lula Pom-Pom damograniana com 11 tentáculos e mil ventosas, que golpearam as costas de Ford e limparam seus poros em uma série de movimentos de chicote e pressão. Em geral, as Lulas Pom-Pom eram qualificadas demais para esse tipo de trabalho. Entretanto, elas eram constantemente tentadas a abandonar seu zilionésimo doutorado em troca de altos salários, de piscinas ricas em plâncton e da chance de massagear um caçador de talentos da indústria fonográfica e talvez conseguir um bom contrato numa gravadora.

– Você é caçador de talentos, amigo? – perguntou a lula, sem esperanças.

– Não – respondeu Ford, as bolhas saindo do capacete de acrílico, o rosto brilhando laranja na agradável luz da fosforescência rochosa. – Mas, uma vez, eu tive um par de sapatos de camurça azul, o que deve significar alguma coisa. Ainda tenho um; o outro está mais para o roxo, porque é uma cópia.

A lula mordiscou um plâncton enquanto falava, o que tornou a conversa um tanto desconjuntada.

– Não sei se...

– Se o quê?

– Ainda não tinha terminado.

– É que você tinha parado de falar.

– Passou um cintilo. Pensei que era o almoço.

– Você come cintilos?
– Não. Cintilos de verdade, não.
– É bom, porque os cintilos são filhotes de cintolhos, e são venenosos.

– Sei. Eu só estava dizendo que...
– Mais cintilos?
– Exatamente. Então, tem certeza de que você não é um caçador de talentos, nem empresário?

– Tenho.
– Ah, pelo amor de Zárquon – praguejou a lula, de modo pouco profissional. – Eu trabalho aqui há dois anos. Eles prometeram: vão aparecer caçadores de talentos a dar com as ventosas. Nenhum. Nem unzinho. E eu estava estudando apito avançado, sabe?

Ford não conseguiu resistir a uma deixa dessas.

– Apito avançado? Até que ponto os estudos de apito podem ser avançados?

A lula se sentiu ofendida.

– Podem ser bem avançados quando você é capaz de tocar mil ao mesmo tempo. Eu fazia parte de um quarteto, dá para imaginar?

Ford desistiu. Fechou os olhos, desfrutou da pressão das ventosas nas costas e imaginou quatro mil apitos tocando em perfeita harmonia debaixo d'água.

Algum tempo depois a lula envolveu Ford com seus tentáculos e virou-o gentilmente. Ele abriu um dos olhos para ler o crachá do massagista.

Sou Barzoo, dizia a identificação. Use-me como quiser.

E logo abaixo, em letras menores:

Sou alérgico a borracha.

– Então, Barzoo, que tipo de música vocês tocavam?

O massagista deu um aperto com os tentáculos antes de responder, chicoteando um jorro de correntes aquáticas.

– Ah, principalmente coisas antigas. Covers. Já ouviu falar em Hotblack Desiato?

Já ouvi esse nome, percebeu Ford, mas não conseguia identificar de onde. As coisas iam ficando mais turvas a cada dia.

– Hotblack Desiato. Ele não ficou morto por um tempo?

Barzoo inclinou a cabeça, pensando. O bico dele ficou aberto, ignorando as minúsculas filas de plâncton que passavam.

– Ei, se você não sabe, não tem erro. Também estou com uns problemas de memória. Coisas banais como há quanto tempo estou aqui, qual é o sentido da minha vida, em que pé calçar os sapatos. Coisas assim.

A lula não respondeu e seus tentáculos pousaram pesadamente sobre o tronco do betelgeusiano.

Ford esperava que Barzoo não tivesse morrido de repente. Se a lula tivesse *mesmo* passado dessa para melhor será que suas ventosas perderiam seu poder de sucção ou, pior, entrariam em algum modo de sucção mortal? Ele não estava a fim de passar o resto das férias removendo tentáculos das suas costas.

Então Barzoo piscou.

– Ei, meu chapa – suspirou Ford, as bolhas espiralando do capacete. – Bem-vindo de volta. Por um segundo pensei...

– Bateria – disse a lula, com um clique no T. – Bateria.

Não tinha reparado, pensou Ford, *mas essa lula se parece um bocado com um pássaro*.

Então, a caverna de massagem subaquática se dissolveu e Ford Prefect se viu numa sala feita de céu azul.

Havia uma figura familiar sentada no canto.

– Ah – disse Ford, lembrando-se.

Nota do Guia: Lembrar-se geralmente é um processo que envolve dois estágios no cérebro, implicando diálogo entre as partes consciente e subconsciente. O subconsciente inicia esse procedi-

mento vomitando memórias relevantes, um ato que libera um jorro de endorfinas autocongratulatórias.

– Muito bem, cara – diz o consciente. – Esta lembrança é realmente útil nesse momento, e eu tinha me esquecido de onde a tinha guardado.

– Você e eu, parceiro – diz o subconsciente, feliz por ver sua colaboração sendo reconhecida pelo menos uma vez. – Nós estamos juntos nessa.

Depois, o consciente revê a lembrança em sua mesa de trabalho e manda uma mensagem dizendo para o esfíncter se preparar para o pior.

– Por que você me lembrou disso? – grita ele com o subconsciente. – Isso é medonho. É terrível. Não queria me lembrar. Por que zark você acha que eu a enfiei no fundo do cérebro?

– Essa é a última vez que eu te ajudo – choraminga o subconsciente enquanto se recolhe para as partes mais escuras de si mesmo, onde os pensamentos malignos se abrigam. – Não preciso dele – diz a si mesmo. – Posso fazer uma nova personalidade para mim com as coisas que ele descartou. – E assim, as sementes da esquizofrenia são plantadas junto com adubos de bullying, negligência, baixa autoestima e preconceito.

Por sorte, betelgeusianos não têm quase nenhum subconsciente, então tudo bem.

– Ah – disse Ford outra vez, seguido rapidamente por: – Droga.

Andou cautelosamente pelo piso de céu, notando, com um tremor de surpresa, que uma das suas pernas tremeluziu ligeiramente por um instante.

Não sou real, concluiu, o que bastou para rebaixar seu humor permanentemente elevado. Porém, Ford recuperou-se depressa, algo que o outro ocupante da sala ainda não parecia ter conseguido.

– Veja pelo lado positivo, cara – gritou para ele. – Pelo me-

nos você não está deitado na frente de uma escavadeira, não é? Pelo menos não estamos sendo jogados para fora de uma nave vogon. Uma sala de céu não é tão ruim assim. Poderia ser pior, muito pior.

E logo vai ficar, se eu estiver certo sobre o que está acontecendo aqui, pensou Ford, mas não verbalizou sua opinião. Arthur parecia ter recebido notícias ruins suficientes para um dia.

A repórter interplanetária Trillian Astra se deteve ansiosa por alguns minutos no banheiro antes de seguir para o auditório. Ela estava prestes a fazer aquela que poderia ser a entrevista de sua vida. No decorrer de uma carreira impecável, Trillian havia passado um ano disfarçada com próteses para trabalhar como balconista vogon no aglomerado de Megabrantis. Perdera o pé esquerdo congelado quando saqueadores mineiros em Beta de Órion arrebentaram um poço de madranita e, mais recentemente, fora atacada por um xamã-dentista quando teve a audácia de questionar a eficácia da utilização de mantras para o tratamento da cárie.

Toda a Galáxia conhecia o nome de Trillian. Ela era temida por políticos corruptos, magnatas do cinema e celebridades grávidas solteiras de Alfa do Centauro a Viltvodle VI, mas nesse dia sentiu o medo pesar sobre seus ombros.

Random Dent, a presidente da Galáxia. Sua filha. Transmissão simultânea da Universidade de Maximegalon ao vivo para um público de quinhentos bilhões de seres.

Estava nervosa. Não, era mais do que isso. Estava apavorada. Trillian não via a filha desde...

Meu Deus, percebeu. Não me lembro da última vez que vi Random.

Tentou se acalmar.

– Até que você está bem, para uma velha – disse para o espelho.

– Acha mesmo, querida? – respondeu ele, obviamente ofendido com a imagem que via diante de seus sensores. – Se isso é estar bem, então seus padrões estão abissalmente baixos.

Trillian se eriçou.

– Como se atreve? Se tivesse visto o que eu vi, se tivesse passado pelo que eu passei, acho que concordaria que estou muito bem.

Os suspiros sarcásticos do espelho fizeram ondular os oito alto-falantes de sua moldura.

– Chega de aula de história, minha querida. Não levo em conta o passado, só comento o presente. E, neste momento, deixe-me dizer, você parece T. Eccentrica Gallumbits no terceiro ciclo. E acredite, amorzinho, no terceiro ciclo daquela prostituta velha, as coisas eram formadas principalmente por líquido e gás. Se eu fosse você, compraria uma boa toalha, um roupão de banho e simplesmente...

Trillian meteu o dedo no botão de mudo do espelho.

Quando foi que começaram a dar traços de personalidade para os espelhos? Podia se lembrar de quando só os androides top de linha e uma porta ou outra tinham o anexo de Personalidade Genuinamente Humana da Companhia Cibernética de Sirius.

Embora Trillian não quisesse ouvir o que o espelho queria lhe dizer, tinha de admitir que ele estava certo.

Ela parecia velha. Ancestral, na verdade.

Isso porque sou mesmo uma ancestral. Cento e cinco anos terrestres de idade. O que resta de mim?

No decorrer dos anos, Tricia McMillan fora gradualmente esculpida pelo seu trabalho como repórter da Subeta Net e logo restava apenas Trillian. Essa não era somente uma declaração metafórica: Trillian Astra sempre estivera disposta a sacrificar tudo pela notícia: amigos, família, até mesmo membros do corpo.

Perdera o pé em Beta de Órion durante as hostilidades com os mineiros. Setenta por cento de sua epiderme fora arrancada

por um espirro de plasma durante sua cobertura na linha de frente nas Cavernas Gama de Carfrax. A mão e o antebraço esquerdos foram esmagadas pela esteira de um veículo de batalha no deserto durante as guerras de Dordellis, e seu olho direito foi furado pela haste pontuda de uma bandeira presa durante uma fuga rápida de Gagrakacka.

Assim, o que restava de Tricia McMillan era o cérebro original (com líquido nuclear acrescentado), um olho repulsivo, uma bochecha, uma nádega, uma variedade de ossos menores e dois litros e meio de sangue humano. Os outros três litros necessários para o corpo não eram tecnicamente sangue, mas lágrimas colhidas de um Diabo de Saliva Turquesa, um pequeno mamífero originário do sistema estelar de Hastromil. Esses animais são implacavelmente explorados, pois cada uma de suas partes é utilizada, absolutamente tudo. Suas línguas podem ser usadas como dobradiças de portas e até mesmo suas ondas cerebrais, quando conectadas a uma antena, podem ser usadas para melhorar a imagem da televisão, caso você viva num pardieiro. Os mesmos filósofos que apontam o peixe-babel como prova da inexistência de Deus também apontam esses infelizes – apenas conhecidos pelas iniciais DST – como prova da existência de Satã, um argumento tão sem sentido que até uma batata eletrocutada poderia refutar. Mas eles não se importam. Os doutores da cabeça adoram esse tipo de controvérsia.

Ironicamente, Trillian estava em Hastromil para cobrir uma passeata que pretendia chamar a atenção para a situação dos DSTs quando foi atropelada por um carro alegórico representando um Saliva Turquesa feito unicamente (e ainda mais ironicamente) de peles dos Saliva Turquesa. A ironia atingiu o nível máximo quando ela recebeu uma transfusão de Saliva Turquesa enquanto usava uma camiseta com os dizeres “Salve os Saliva Turquesa”. Mais tarde, a própria Trillian informou em sua reportagem que todo esse montante de ironia localizada

causara a morte de 11 sensitivos empáticos que estavam na manifestação. Doze, se o empático que já estava deprimido com tudo fosse acrescentado à estatística.

Trillian alisou a plastipele da bochecha. Estava lisa, mas ligeiramente esticada. O atendente no caixa havia prometido que iria afrouxar com o uso, mas isso não aconteceu. Nos dias ruins, Trillian achava que seu rosto parecia um crânio enfiado num balão.

Uma vez, um executivo da emissora a descreveu como: uma humanoide esguia, morena, com longos cabelos pretos, um narizinho estranho e arrebitado e olhos ridiculamente castanhos.

Nada mais.

Hoje era um desses dias ruins.

Random. Depois de todos esses anos.

Cada vez que encarava os olhos da filha, era como se contemplasse os poços de sua própria culpa.

Trillian bateu com a palma da mão no espelho.

– Ai! Ei! – disse o espelho, desobedecendo ao controle de mudo.

Trillian o ignorou.

Precisava se controlar. Ela já fora a repórter mais respeitada da Galáxia, e isso era um grande feito. Teria que forçar o arrependimento a entrar de volta pela boca do estômago e fazer seu trabalho.

Arrumou um fio em seu capacete de cabelo sintético, realinhou os ombros e entrou no auditório para entrevistar a filha que fora concebida numa clínica de fertilidade de baixa gravidade localizada em um pequeno satélite perto da estrela de Barnard.

Estremeceu com a lembrança. Enjoo matinal já era ruim o suficiente sem colocar a baixa gravidade no meio.

Random tinha todo o direito de se sentir deslocada: seu pai era um tubo de ensaio; seu planeta natal – se é que tinha um – fora destruído em diversas dimensões; e sua mãe, assim que

a viu, decidira enfaticamente seguir uma carreira que a levaria para longe de casa durante longos períodos.

Não era de se espantar que Random fosse meio gélida.

A presidente Random Dent estava sentada de pernas cruzadas numa cadeira-ovo flutuante no palco, cantarolando baixinho.

– O pré-molar fica atrás do canino, que fica atrás do incisivo lateral, que fica atrás do incisivo central. D-e-e-e-e-e-nte, ache o seu lugar.

A cortina ainda não fora aberta, mas ela podia ouvir o burburinho da multidão através do tecido pesado. A cortina era de veludo real, não holográfico – uma despesa paga com relutância pela universidade, por insistência de Random. Ainda que não fosse contra o progresso, a presidente acreditava que ainda havia espaço para a tradição na Galáxia.

Sorriu suavemente enquanto sua mãe era levada à plataforma. De longe, alguém poderia até pensar que os papéis estavam invertidos, e que Trillian era a filha e Random a mãe, mas de perto, a verdade era clara. O brilho cirúrgico era nítido em todo o rosto da velha.

A repórter hesitou ao ver a filha, mas se recuperou rapidamente.

– A senhora me parece muito bem, presidente – disse ela, naquele sotaque típico de gente da TV, que parecia algo nascido entre Setor ZZ9 Plural Z Alfa e Asgard.

– Você também, mamãe – respondeu Random.

Trillian se acomodou numa segunda cadeira-ovo e consultou suas anotações.

– Presidente Random Viajante Frequente Dent. Ainda usa tantos nomes?

Random sorriu do modo tranquilo de quem não dá chiques há décadas.

– E você, Trillian Astra, ainda usa o nome errado?

Trillian deu um sorriso tenso. Não ia ser uma entrevista fácil.

– Por que agora, Random? Não nos vimos mais do que uma

dúzia de vezes nos últimos vinte anos. Por que agora, quando minha carreira está acabando? Saio das reportagens dos concursos de beleza em Nova Betel direto para a entrevista mais importante da minha vida.

Random sorriu de novo, um suave franzido no rosto. Seu cabelo com riscas grisalhas estava duro de sol e água salgada.

– Sei que já faz um bom tempo, mamãe. Até demais. – Random acariciou uma bolinha de pelos pendurada no pescoço que grunhiu baixinho. Trillian viu dentes minúsculos e um rabo, e seu coração se encolheu.

– Ouvi falar dessa coisa. Você está sempre com ele, não? É algum tipo de gerbo pequeno, correto? Bonitinho.

– É mais do que um pequeno gerbo, mamãe. Fertle é meu companheiro. Um flaybooz. Totalmente adulto. Uma fonte de conhecimento constante, transmitido telepaticamente. – E então, ela soltou a bomba matadora de carreiras: – Nós nos casamos ontem.

A pele de Trillian pareceu mais esticada do que a um minuto antes.

– Vocês se casaram?

– É um elo mental, obviamente. Se bem que Fertle gosta quando eu coço a barriga dele.

Fique calma, disse Trillian a si mesma. *Você é uma profissional.*

– Deixe-me ver se entendi direito. Você se comunica *telepaticamente* com Fertle?

– Claro. É a comunicação que mantém as famílias unidas. Nunca ouviu falar nisso?

Nesse ponto, Trillian parou de ser repórter para começar a ser mãe:

– Menos insinuações vingativas, mocinha. Estamos falando da sua vida aqui. Você é Random Dent, presidente da Galáxia. Você uniu as tribos da Terra. Você supervisionou a cerimônia oficial do primeiro contato. – Agora, Trillian estava de pé. – Você foi a ponta de lança do mergulho econômico para o espa-

ço. Você negociou os direitos iguais para todos os alienígenas.

– E agora quero algo para mim.

Trillian estrangulou um Fertle imaginário, dez centímetros à frente do verdadeiro.

– Mas não um gerbo. Não um zark de um gerbo. Como um gerbo vai me dar netos?

– Nós não queremos filhos – respondeu Random, jovialmente. – Queremos viajar.

– Do que você está falando? Ele é um roedor.

– Ele – disse Random, dura – é um flaybooz, como você sabe muito bem. E eu achava que de todas as pessoas, você seria a primeira a entender nosso relacionamento. A fantástica Trillian Astra. Defensora de todas as pessoas, menos da própria filha.

Trillian pensou ter detectado um brilho de esperança na escuridão.

– Espera um minuto. O quê? Isso tem a ver comigo? Você vai destruir sua vida para se vingar de mim? Esse é um prato frio bastante deturpado, Random.

A filha coçou o marido até ele guinchar.

– Não seja ridícula, mamãe. Eu queria você aqui para apresentar seu genro à Galáxia. Será o auge de sua carreira de jornalista, e isso vai nos tornar uma família mais unida.

Subitamente Trillian viu toda a genialidade do golpe de misericórdia de Random. Se ela anunciasse essa união em Spectro-Vision totalmente 3D, seria motivo de chacota. Se não anunciasse, perderia a filha para sempre, e ela provavelmente se aproveitaria da situação para obter simpatia suficiente para um próximo mandato. No mínimo, teria o voto de todos os flaybooz, e havia zilhões deles.

O corpo de Trillian tremeu num espasmo. *Casada!*

– Esqueça, Random, você não vai me usar para que a Galáxia aceite o seu relacionamento. Assim que sair daqui, vou encontrar seu pai e ele irá cuidar de você.

Random deu uma gargalhada estrondosa, amedrontando o marido.

– Arthur! Você tem alguma ideia de até onde ele iria só para evitar algum confronto? – Random fez uma pausa, inclinando a cabeça. – Fertle diz, e eu concordo, que é *you* quem deve anunciar isso, mamãe. A Galáxia está esperando uma grande notícia.

– De jeito nenhum. Eu me recuso a ser manipulada.

– Prefere ser controlada pelas grandes emissoras, como o robô que é. Posso ouvir daqui seu corpo zumbindo. Dá para sentir o cheiro dos seus circuitos. Há alguma parte sua que ainda seja real? Pode me colocar em contato com minha mãe humana? Ou talvez saiba onde o tutano dela foi enterrado?

Trillian se sentiu quase aliviada quando sua fachada de civilidade acabou.

– Vá se foder, Random.

A presidente assentiu.

– Sim, Fertle. É exatamente assim que ela é. Agora você entende por que sou assim? Com todas as defesas que tive que erguer em volta do meu cérebro?

Trillian estava quase berrando:

– Você está falando com a porcaria de um brinquedinho!

Fertle pareceu reagir a isso.

Nota do Guia: Ainda que os flaybooz não tenham ouvidos, eles são extremamente sensíveis à vibração, podendo até explodir em circunstâncias extremas. Thor, o deus de Asgard, e às vezes do rock, obteve o novo recorde de detonação espontânea de flaybooz quando lançou sua nova música, “É Hora de Martelar”, numa carruagem na órbita de Squornshellous Delta. O recorde anterior era da banda de rock intergaláctico Disaster Area, que soltou um alto-falante explosivo na cratera de um vulcão onde os flaybooz curtiam um festival de eletricidade estática.

O pelo de Fertle se eriçou e ele abriu uma minúscula boca que agora parecia ter um bico.

– Bateria – disse Fertle, numa voz metálica.

– O quê? – respondeu Trillian. – Eu ouvi um flaybooz falar?
– Isso sim seria uma notícia.

– Bateria – repetiu Fertle, desta vez com alguma urgência.

A cortina de veludo subiu lentamente, mas não havia plateia atrás dela, só uma sala de céu e duas figuras humanoides.

Random e Trillian se levantaram, boquiabertas, com a semelhança familiar nítida pela primeira vez, apesar de várias cirurgias e implantes.

– O que está acontecendo? – perguntou a presidente, com a voz subitamente aguda. – Mãe? O que está acontecendo? Onde estão todos os jornalistas?

– Random, não entre em pânico – disse Trillian, tentando controlar o tremor da voz. – Algo está acontecendo aqui.

– Algo está acontecendo? – berrou Random. – Só isso? Todos esses anos de trabalho e tudo o que consegue constatar é que *algo está acontecendo*? Isto é uma tentativa de sequestro, sem dúvida. Nós fomos transportadas para algum lugar.

Trillian apertou os olhos para as outras figuras da sala, que pareciam se tornar cada vez mais familiares, como se o véu do esquecimento caísse de seus olhos.

– Sequestradas? Acho que não. Não por esses dois. Eles são... praticamente inofensivos.

Random adotou sua postura de poder presidencial favorita: pés firmes, braços cruzados.

– Vocês dois aí. O que fizeram? Exijo saber onde estamos.

O homem mais baixo notou a presença das duas recém-chegadas. Era bem provável que cedo ou tarde isso acontecesse, já que uma delas estava gritando com ele.

– Acho que a pergunta certa é *quando* nós estamos, e depois,

possivelmente, *quem* nos colocou aqui, seguido pela não menos importante *tem um carrinho de bebidas em algum lugar?*

Random fez uma careta.

– Carrinho de bebidas o cacete. Seja tão convencido quanto quiser, meu jovem, mas sei que por dentro você está tão apavorado quanto nós.

O rapaz sorriu.

– Sou betelgeusiano, Random. Não tenho muita coisa por dentro.

Random perdeu a vontade de responder quando o súbito reconhecimento do segundo homem a atingiu como uma torta Surpres-O-Plasma na cara.

– Pai? Papai? Papaizinho?

– Escolha uma opção – sugeriu o betelgeusiano. – Isso vai tornar a conversa mais fácil.

Trillian correu pela sala de céu, movendo-se rapidamente, como não fazia em anos.

– Agora, vejamos o que seu pai tem a dizer sobre seu casamento.

De repente, Random pareceu muito mais nova.

– Papai! – uivou ela. – Minha mãe é uma idiota e odeia meu marido!

A figura paterna baixou a cabeça e suspirou por uma xícara de chá.